

O conceito de fundamentalismo no mundo contemporâneo à luz dos estudos de religião

[The concept of fundamentalism in the contemporary world in the light of religious studies]

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros

Resumo: Os estudos de fenômenos religiosos, em Antropologia, Sociologia, Ciência Política e História revelam a presença de termos classificatórios para se designar, descritivamente, sem maior profundidade de pesquisa, o objeto de estudos. A partir de termos como fanático e jagunço, tomando em consideração a cultura do Mundo Andaluz e do catolicismo popular do Nordeste, pretendo neste trabalho discutir o termo Fundamentalismo, no contexto sócio – político – econômico do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: fundamentalismo; religião; catolicismo popular.

Abstract: Studies of religious phenomena in the areas of Anthropology, Sociology, Political Science and History reveal the presence of classificatory terms to descriptively designate, without further research, the object of study. It is the object of this paper to discuss the term Fundamentalism in the socio - political - economic context of the contemporary world.

Keywords: fundamentalism; religion; Popular Catholicism.

A concepção de **sabedoria**, ou características do sábio no mundo contemporâneo, é diametralmente oposta a essas concepções em diferentes processos civilizatórios, mas especialmente em relação ao Mundo Andaluz dos séculos XII e XIII, no Egito, Túnis e sul da Espanha, quando se moldou uma cultura universitária que exigia do sábio, além do conhecimento da filosofia, saberes relativos a ciência, arte,

teologia e domínio dos livros sagrados, nos originais – Torah (religião judaica), Alcorão (religião islâmica) e Evangelhos (religião católica).

Para os letrados das Universidades do Cairo, Túnis, Córdoba, Sevilha, Granada e Toledo, a sabedoria é abrangente e relativa ao domínio de toda produção cultural da humanidade, porém só se efetiva se esses detentores de tanto saber se inspiram poeticamente na natureza, desenvolvem a intuição para além do já conhecido, reconhecem e se submetem, por opção, ao freio ético da religião. Essa concepção de mundo permite a existência de sábios que não transformaram seu saber em poder e dominação, deixando para a cultura ocidental, além de seu próprio mundo de harmonia entre povos judeus, cristãos e islâmicos, toda a civilização adquirida na vivência de árabes e judeus com chineses e outros povos da Ásia e do oriente. Trazem para a Europa avanços na medicina, literatura, filosofia (foram os primeiros tradutores dos textos gregos, principalmente os filósofos, como Aristóteles). Avançando também nas técnicas, foram capazes de produzir em Toledo o aço, elemento indispensável a todo o avanço tecnológico do Ocidente, além de fantástico desenvolvimento da geografia, navegação, quando o maior sábio do mundo islâmico, Arun Al Rachid, já presenteara o Imperador Carlos Magno com o primeiro relógio mecânico visto na Europa.

Desses sábios andaluzes são os mais importantes, para a história da Idade Média, o historiador árabe Ibn Jaldún, nascido na Tunísia de família da costa sul da península arábica em 1332 e o médico polígrafo, poeta e filósofo sefardi Maimónides, nascido em Córdoba em 1135 e morto no Cairo em 1204, falecendo Ibn Jaldún em 1406 também no Cairo. Maimónides foi capaz da maior tolerância religiosa, tendo, como médico, tratado do Rei Ricardo I da Inglaterra, após este ter voltado da terceira cruzada, onde derrotara o muçulmano Saladino. Tendo Ibn Jaldún nascido cento e vinte e oito anos após o falecimento de Maimónides, sua família viveu o período de reconquista da Espanha pelos cristãos, que se completaria pela derrota dos árabes de Granada em 1492 pelos reis católicos, com expulsão consecutiva de judeus e árabes, além de estabelecimento da Inquisição na Espanha, com o clima de intolerância religiosa a partir do inquisidor Torquemada.

Ao fim daquelas concepções educacionais para a convivência e desenvolvimento humanos instala-se também uma nova perspectiva educacional, dividindo-se as áreas de saber, principalmente com o avanço da supremacia da ciência, essa por sua vez submetida, por força do papado, à supremacia absoluta da teologia nas universidades, a partir de então. O reconhecimento da superioridade da filosofia em relação à teologia, a partir das críticas do frade franciscano Guilherme de Ockham (1288 – 1347), para quem a teologia emana da crença e a filosofia – da razão, desenvolve-se o conhecimento com a separação entre filosofia e teologia, fé e razão.

Desenvolve-se o conceito de intuição enquanto prova da existência das coisas concretas, buscando – se o reconhecimento do particular como o concreto, a existência das coisas, partindo-se do particular para o geral. Dessas concepções, generalizando-se o particular, se chega ao universal e à lei. Neste período já se conhecem as primeiras descobertas da ciência moderna, anunciando a vinda de novas divisões na concepção de saber, que redundaria, nos tempos modernos, na extrema prevalência da tecnologia sobre as ciências humanas, as artes e a religião.

No século XX, como reação à violência das duas guerras mundiais, houve forte articulação intelectual em defesa do humanismo, contra o poder do armamentismo, da dominação econômica e da corrupção política promovidos pela força do mercado, isto é, a submissão da sociedade humana ao poder do capital. No cerne desses esforços surgiram a UNESCO e a FAO, como instrumentos de combate à fome, ao analfabetismo, aos preconceitos raciais, enquanto defensoras da ecologia e da educação para a paz. O pós segunda guerra porém desencadeou a guerra fria com a divisão do mundo entre dois sistemas econômicos: o capitalismo auto proclamado como democrático e humanista e o socialismo soviético apresentado como ditadura desumanamente destruidora dos valores da liberdade democrática, inimiga do humanismo. A tentativa gaullista de auto determinação dos povos não alinhados nessa divisão da carreira armamentista entre Rússia e Estados Unidos, apesar de grande incentivadora da queda do sistema colonial em vários países da África, não impediu a submissão das Américas Latina e Central ao domínio norte americano, nem do Leste Europeu e algumas regiões da Ásia ao da União Soviética. Rebeliões de juventude nos anos sessenta combateram guerras norte americanas da Coreia e do Vietnã, como também na Europa, derrubam o governo Charles De Gaulle, em nome da instituição de uma sociedade liberada de velhos costumes sociais.

Em oposição ao concebido mundo de igualdade, sem fome, preconceito, dominação ou violência, a união entre Estados Unidos e os países antigas metrópoles coloniais europeias, permitiu, sob leniência da ONU, a constituição de um bloco fortemente armado, baseado nas indústrias bélicas e nas atividades bancárias do FMI e do Banco Central Europeu, com poder de intervenção em qualquer país detentor de recursos naturais **necessários ao desenvolvimento tecnológico do mundo!** Como no tempo das duas guerras do século passado e da guerra fria, o mundo vive insegurança, fome e violência, agora sem guerras mundiais declaradas, porém com todos os países vivendo tensões, seja por embargos econômicos, bombardeios - como no Oriente Médio, terrorismo – na Europa, morte e chegada de refugiados de guerra em todos os países solidários, tudo orquestrado em tempo real pela mais desenvolvida tecnologia das **empresas de comunicação**, com suas notícias filtradas e organizadas tecnicamente como **formadoras de opinião**. É o mundo globalizado, com o conceito de **saber** cada vez mais exclusivamente voltado para **tecnologia de ponta**, que garanta

um mundo universalizado pelo conceito de felicidade - **consumir as últimas novidades tecnológicas**, sem qualquer pergunta incômoda como: De que forma a Apple adquire a matéria prima para sua indústria, só existente na África?

As universidades se caracterizam pelo privilegiamento de investimentos maiores nas áreas tecnológicas, com a desvalorização progressiva da educação humanista, dando origem ao incremento de ensino pago, com leis cada vez mais privatizantes das escolas e universidades públicas. A perda de legitimidade dos políticos, voltados para a promoção pessoal e familiar, suprimindo, por obediência às **leis e regras da economia**, todos os direitos sociais conquistados pela população, leva os governados à total desesperança de ver instaurados a justiça e o humanismo para sua velhice e seus descendentes.

Falando-se de perda das utopias, pela violência do Estado contra seus cidadãos conquistando cada vez mais espaço, consubstancia-se a barbárie, anunciada por Marx como característica do capitalismo financeiro instaurado hoje em todo o planeta globalizado. Vive o mundo contemporâneo com a realidade de um bilhão de famintos no planeta, segundo pesquisa da FAO, além dos efeitos climáticos advindos da exploração sem limites da natureza, com o fito do lucro desenfreado e despojado de qualquer regra de controle, vindo da ética social ou da religião. No vale tudo da chamada quebra de tabus em nome da liberdade meramente hedonista, esquecem-se os avanços das ciências humanas, quando Lévy Strauss caracteriza a cultura como a forma humanizadora da espécie pela presença de regras, o que diferencia a humanidade das demais espécies vivas do planeta.

Dominado pela ânsia da novidade, o ensino se fragmenta em especializações cada vez mais restritas, perdendo-se, como no estudo da religião, a perspectiva de que os fenômenos sociais são faces de uma mesma estrutura, o que exige o aprendizado dos elementos que se auto interligam em sua existência, fazendo parte das relações econômicas, políticas e familiares em cada tempo histórico. Pela perspectiva de análise gramsciana, embora muitas vezes **dominante** na sociedade estudada, dificilmente a religião é **determinante** na compreensão de uma estrutura social, se não se explicitam os fatores que a fazem mais visível e predominante em determinadas conjunturas.

Estudando a sociedade do sertão nordestino nos séculos XIX e XX, analisei a relação estrutural do catolicismo na história da região desde o período colonial - sua presença em todas as instâncias da população, até nas concepções de divisão social, legitimando a forte hierarquia propiciada pelo sistema escravocrata que se fez moldador das concepções de mundo daqueles povos de diferentes etnias, missionados e regidos ideologicamente pela igreja católica. Enquanto concepção de mundo, o catolicismo é vivido singularmente por cada camada social, segundo seu lugar na

estratificação daquele universo de trabalho, sistemas de crenças e diferentes vinculações a que se destinam os diferentes sujeitos no seu cotidiano. A universidade, como todo o mundo letrado do país, classificava aqueles portadores de crenças em seus santos (Padre Mestre Ibiapina, Padre Cícero Romão Baptista e Antonio Conselheiro) como **fanáticos, criminosos e jagunços**, enfim, a escória social, visto pertencerem ao trabalho braçal, logo, da classe dos **escravos – não humanos**. Optando pelo aporte teórico gramsciano, trabalhei o fenômeno das crenças dos sertanejos como forma popular de viver o catolicismo, com seu possível histórico de interpretar a mensagem do evangelho, criando-se com aqueles homens e mulheres o mundo beato, amalgamado pelas pregações e ensinamentos de Ibiapina, intelectual sertanejo, advogado dos pobres, em busca da justiça entre os homens, fundador, em 1856, da Irmandade dos Beatos. Católico fervoroso, Ibiapina perdeu o pai fuzilado na Confederação do Equador, sabendo do assassinato do irmão prisioneiro de Pedro I na Ilha de Fernando de Noronha, por acompanhar o pai naquela revolução. Profundamente ligado a seu povo, Ibiapina se formou na primeira turma da Faculdade de Direito de Pernambuco (1832), instalada no Mosteiro de São Bento de Olinda. Protegido pelos monges e pelos padres oratorianos, o novo advogado desenvolveu profundos estudos sobre a Regra de São Bento e a Ordem de São Francisco de Assis, pedindo ao Bispo de Recife para ser ordenado sacerdote sem frequentar Seminário, quando já ia completar 50 anos. Até então fora professor da Faculdade onde se formara, Juiz de Direito em Quixeramobim, deputado nas Cortes representando o Ceará e advogado dos pobres em Pernambuco e Paraíba, após ter renunciado à vida da magistratura e da política. Desiludido com o andamento dos processos contra ricos protegidos pelas autoridades governamentais, declara: **Não há justiça entre os homens!**

Ordenado sacerdote, abandona os postos que lhe foram oferecidos pelo Bispo em Recife e parte, em 1856, para missionar os sertões, missão que cumpre até à morte em 1883, sendo o civilizador e protetor daquele povo abandonado e desconhecido das autoridades, isolado nas distâncias dos sertões, tornando-se um missionário itinerante em cinco estados nordestinos: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

Criando a Irmandade de Beatos e Beatas, Ibiapina proclama uma nova forma de catolicismo unindo o voto de pobreza de São Francisco ao Orare Labore de São Bento, constituindo uma concepção de ascese do homem para Deus através do trabalho, da oração, da obediência aos dez mandamentos da Lei de Deus, luta contra a injustiça, ajuda aos necessitados, criação dos órfãos, cuidados com os enfermos, enterro dos mortos, sempre invectivando: Consolai os aflitos, sede **homens e mulheres de bem**, de consciência limpa, de calo nas mãos, trabalhando de sol a sol, rezando o rosário da Mãe de Deus, protegendo os fracos, dando comida a quem tem fome e água a quem

tem sede. Restabelecendo o sistema de mutirão, o pregador reconstrói o sertão, mobilizando multidões de até cinco mil pessoas para a construção de açudes, estradas, cisternas, cemitérios e igrejas e construindo os que denomino complexos civilizatórios – as Casas de Caridade, grandes construções compondendo-se de igreja, dormitórios, escola, hospital, orfanato, cozinha e oficinas de artesanato para mulheres. Na Paraíba o Beato Antonio construiu com seus seguidores um orfanato escola para garotos e adolescentes.

Orientando os sertanejos, ensinou-lhes a construção de casas arejadas voltadas para o sol nascente, com janelas em todos os cômodos, além do plantio de hortas e jardins, e hábitos de higiene, como colocar pedras de carvão e enxofre nos reservatórios de água. Combatendo o cólera que grassou no sertão sem qualquer atendimento pelos governos estaduais, municipais e as Cortes, construiu com seus seguidores hospitais de isolamento e cemitérios, para combate à disseminação da doença. No sul do Ceará, num isolamento da cidade do Crato, morreu em seus braços o pai do futuro santo nordestino – Padre Cícero.

Ordenando homens e mulheres beatos, prepara os primeiros para o trabalho da lavoura e criatório para manutenção das Casas de Caridade. Nessas as mulheres pobres são preparadas como professoras e aprendem puericultura e enfermagem para suas funções junto a crianças e doentes. Pelo seu prestígio de homem intelectual e católico fervoroso, Ibiapina consegue levar dos colégios de moças ricas, freiras trazidas da Bélgica para dotá-las de prendas domésticas como bordados, música e fina culinária, para ministrarem os mesmos ensinamentos a suas beatas e órfãs das Casas de Caridade. Se uma órfã não queria continuar beata nas Casas de Caridade, preferindo se casar, recebia um dote e a obrigação de abrir escola onde fosse morar, cuidar da igreja com seus terços e suas novenas, enquanto pregaria a nova forma de catolicismo dos beatos, vivendo conforme as regras da Irmandade, para servir de exemplo por sua vida na nova forma de catolicismo. O conceito de homem de bem confere uma nova dignidade ao homem do trabalho braçal, em pleno período da escravidão aviltante que lhe negava humanidade. Enquanto essa concepção de dignidade confere força moral e caráter ao sertanejo pobre, transforma-o num seguidor destemido daqueles que melhor seguem a nova forma de viver os evangelhos e as promessas de Cristo, conferindo-lhes a santidade cuja atribuição é monopólio do Papado.

A Igreja institucional se insurge contra o que considera desrespeito à hierarquia sacerdotal, tendo o primeiro Bispo do Ceará, D. Luiz dos Santos, expulsado Ibiapina do Ceará e dado ordem aos párocos de proibirem a presença de beatos pregando nas igrejas e em suas paróquias, confiscando as Casas de Caridade que logo entraram em declínio, caindo em ruína e desaparecendo no correr dos anos.

Numa posição de catolicismo absolutamente inovador, quebrando toda a estrutura de mando da sociedade sertaneja, ecoa pelos sertões o grito beato: **Pequeno não existe; grande- só Deus!**

Instaura-se, pela união entre autoridades civis e eclesiásticas, a mais encarnçada perseguição aos beatos, que são expulsos das Casas de Caridade, espalhando-se pelo mundo sertanejo, muitos deles se mudando para Juazeiro onde viverão sob a proteção e orientação religiosa do Padre Cícero, o que lhe acarreta a perseguição da Igreja a partir do **milagre da transformação da hóstia em sangue na boca da Beata Maria de Araújo quando Padre Cícero lhe dá a comunhão**. Conhecido como a Questão Religiosa do Juazeiro, o episódio desencadeia toda a perseguição da Igreja contra aquele sacerdote, durante mais de cem anos, só tendo um final mais de cem anos depois de seu início.

O episódio mais conhecido dessa caça ao mundo beato é a Guerra de Canudos, feita para exterminar o **covil de bandidos e fanáticos comandados pelo louco assassino da mãe e da esposa – Antonio Vicente Mendes Maciel ou Antonio Conselheiro**. Acusado de querer derrubar a República e reinstaurar a Monarquia, o Beato Conselheiro nunca foi ouvido por qualquer de seus comentadores, a exemplo de Euclides da Cunha, o maior divulgador de seus **crimes**, em sua obra colossal, **Os Sertões**.

Estudando o mundo beato como **catolicismo popular**, desde 1980 vejo paulatinamente a descrição do Juazeiro não mais como **antro de fanáticos, assassinos e analfabetos**, até a última declaração do Papa Francisco, de que **A Igreja católica se reconcilia com o Padre Cícero, porque sua forma de viver a religião é a Igreja de Cristo**.

A forma leviana com que se criaram epítetos injuriosos para justificar ações absolutamente injustas e anti humanas, contra populações que buscavam uma nova forma de vida longe do pecado e da dominação, encontrou eco entre letrados e acadêmicos que explicaram sua forma de expressão religiosa como fanatismo e ignorância, ou seja, eles foram o que hoje se retoma das perseguições medievais a árabes e judeus, a condenação ao mundo islâmico, cognominado de **fundamentalista**.

Como o mundo acadêmico apenas importou de Eric Robsbawm os conceitos de Milenarismo e Messianismo para explicar movimentos sociais como o catolicismo popular, antes mesmo de pesquisa de campo mais consistente, no mundo

contemporâneo a opinião pública e a academia, através dos estudos de religião, ignoram a necessidade de se estudar com seriedade todos os elementos imbricados na demonização de povos islâmicos (a segunda religião do planeta em seguidores), vivendo grande parte nos territórios mais ricos em petróleo e gás, além da cobiça dos países ricos pela comercialização das águas dos rios Tigre, Eufrates e Nilo, já que o Jordão há mais de meio século não mais pertence ao povo palestino, descendente dos filisteus, povo originário da região.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero a Terra da Mãe de Deus**. 3ª edição. Fortaleza: Editora IMEPH, 2013.

FERREIRA FILHO, Valter Duarte. **Economia: Obstáculo Epistemológico Estudo das Raízes Políticas e Religiosas do Imaginário Liberal**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

JAEGER, Werner. **Cristianismo Primitivo y Paideia Griga**. 11ª reimpressão . México: Fondo de Cultura Económica, 2012.

JALDÚN, Ibn; **Introducción a la historia universal (Al-Mugaddimah)**. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.

MAIMÓNIDES, Mose bem Maimon. **Guia de Perplejos**. 4ª. Edição. Madrid: Editorial Trotta, 2005.

PAZ, Octavio. **Chuang – Tzu**. Biblioteca de Ensaio. Madrid: Ed. Siruela, 1977.

SOBRE A AUTORA:

LUITGARDE OLIVEIRA CAVALCANTI BARROS é Antropóloga e Professora da UERJ. Conforme apresentação do Professor Selmo Nascimento da Silva, no artigo *As contribuições de Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros para os estudos do universo social e cultural do sertão nordestino*: “A antropóloga alagoana Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, nascida em 22 de dezembro de 1941, faz parte da geração de estudantes universitários formados em plena Ditadura Civil-Militar. Num contexto político e social de efervescência, os estudos acadêmicos eram vistos por muitos alunos como parte da militância política. Sem fugir à “regra”, Luitgarde O. C. Barros se dedicou aos estudos do universo social e cultural do sertão nordestino, remontando suas origens e buscando entender os movimentos insurgentes dos sertanejos.”